

Citicorp trocará empréstimo por investimento

O Citicorp vai tentar reduzir um terço de seus empréstimos aos países menos desenvolvidos, o que representa cinco bilhões de dólares, nos próximos três anos.

A nova estratégia do presidente do Citicorp, John Reed, foi confirmada ontem, três dias depois do anúncio de que o banco aumentava suas reservas em três bilhões de dólares para cobrir eventuais perdas com empréstimos não pagos.

O Citicorp espera atingir a redução de cinco bilhões de dólares investindo parte da dívida nos países devedores, ou vendendo os empréstimos feitos a terceiros. A dívida do Brasil está cotada no mercado secundário de Nova York ou de Londres a 62 centavos por dólar, quando valia, antes da moratória, em fevereiro, 75 centavos.

O Citicorp, com sua decisão de terça-feira, provocou uma queda de dois centavos no valor de cada dólar da dívida brasileira, então cotado a 64 centavos. Isto explica o cuidado de seu porta-voz ao anunciar mais este novo passo, ressaltando que "espera vender", se houver comprador, e não que "queira vender", o que tumultua o mercado secundário. A maior ênfase, porém, é dada à possibilidade de trocar para cruzado parte da dívida em dólar, e investir no próprio país, no caso do Brasil.

O maior banco dos Estados Unidos, e o maior credor do Brasil, o Citicorp, continua mantendo o que prometeu John Reed, na última terça-feira: vai continuar liderando ou participando de progra-

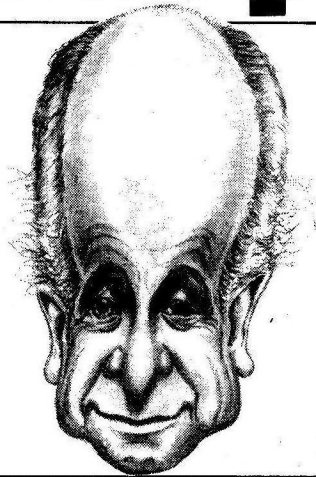
mas de empréstimos organizados por comitês de bancos para os países devedores. Isto é posto em dúvida pela maioria dos analistas políticos norte-americanos: como um banco que aumenta dramaticamente suas reservas para cobrir prejuízos com empréstimos poderá emprestar mais? E que outro banco também o fará?

Os números não são muito animadores, para os banqueiros norte-americanos, como demonstrou um regulador bancário, L. William Seidman, presidente do Federal Deposit Insurance Corporation, anteontem, no Congresso. Segundo ele, o lucro dos 26 maiores bancos norte-americanos caiu 16%, ou 342 milhões de dólares, durante o primeiro trimestre do ano, por causa de problemas com seus empréstimos ao Brasil.

Seidman deixou os senadores preocupados com a lucratividade dos bancos norte-americanos em geral. Mas ele aplaudiu a decisão tomada pelo Citicorp, de aumentar suas reservas, considerando-a "irresistível" para os outros bancos. "Eles (o Citicorp) fizeram a coisa certa", ele disse, comentando ainda que John Reed seguiu uma antiga tradição norte-americana, a de dar um grande golpe só, duro, mesmo que doloroso, adiando um confronto com a realidade que se tornava cada vez mais inevitável. "O resultado é que os lucros do Citicorp, no futuro, serão maiores."

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**

Bresser Pereira recebeu a notícia, ontem, diretamente de um representante do nosso maior credor: Ed Hoffman. E não se preocupou. Segundo um assessor, ele acha que depois disso os bancos estarão prontos a receber "propostas razoáveis do Brasil para refinarçar seus juros".



O mesmo apoio

O Citicorp vai continuar dando o mesmo apoio ao Brasil. Pelo menos é o que ficou claro das palavras do representante do Grupo Executivo do Citibank, Ed Hoffman, e do diretor-presidente e representante legal no Brasil do Citibank, Michael Kelland, que ontem fizeram uma visita de cortesia ao ministro da Fazenda, Bresser Pereira, em São Paulo. Segundo um assessor do ministro, Hoffman frisou que o Citicorp estará pronto para refinarçar os débitos, assim que o Brasil se dispuser a negociar.

O mesmo assessor informou, ainda, que Bresser Pereira não viu com preocupação a decisão do banco de reduzir as reservas disponíveis para os países devedores.

Bresser ressaltou, segundo o assessor, que com isso os bancos estarão mais livres para receber "propostas razoáveis do Brasil para refinarçar seus juros". O assessor garantiu que o ministro entende que, "se eles (bancos) querem receber, têm que nos dar (dinheiro novo)", afirmou. De acordo com o assessor, o ministro também considerou boa a decisão do Citicorp de elevar em US\$ 3 bilhões suas reservas para créditos incobráveis.

Kelland, por sua vez, destacou que a iniciativa adotada pelo Citicorp não implicará qualquer comprometimento junto aos demais credores. Ao contrário, observou que o apoio do Citicorp ao Brasil "vai continuar".

EUA: maior inflação. E mais crescimento.

Maior crescimento da economia dos EUA, mais inflação e, apesar de tudo, alta do dólar nos mercados monetários da Europa. Eis o quadro da situação norte-americana, que estimulou os operadores em papéis. Quem decidiu comprar dólares, ações e títulos ontem preferiu orientar-se pela expectativa de que o índice da inflação nos EUA é agora alto o suficiente para induzir a Reserva Federal (Banco Central) a elevar suas taxas de juros.

O crescimento da economia dos EUA acelerou-se no primeiro trimestre deste ano, dando o índice acumulado de 4,4% ao ano. Superou em 0,1% as previsões dos economistas e é o maior desde o período abril-junho de 1985, em que se aproximou dos 5% ao ano. Os resultados do trimestre foram precedidos por um crescimento de 1,1% no período outubro-dezembro de 1986, informou o Departamento do Comércio.

Em abril, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) nos EUA cresceu 0,4% acumulando 3,8% nos últimos 12 meses, informou o Departamento do Trabalho. Já os economistas do governo calculam que a inflação no país seria 5,5% em 1987, caso se mantenham os níveis registrados no mês passado. Entre os principais responsáveis pela alta figuram os alimentos (0,3%), hortaliças

e frutas frescas (2%) e gasolina (0,7%). Em março as hortaliças e frutas frescas haviam encarecido apenas 0,7%. A alta da gasolina foi marcante: 2,3%. Em contrapartida, em abril as tarifas de eletricidade e o preço do gás natural tiveram queda de 0,3%, segurando em parte a grande elevação dos preços dos combustíveis, que deram a média de 2,5%.

As altas em abril correspondem às de março (também 0,4%) e resultaram principalmente da elevação dos preços da energia e do vestuário, o que pode reforçar os receios a respeito do impacto cada vez maior do custo do petróleo e dos artigos importados no índice da inflação dos EUA este ano.

Tais receios não impediram que o dólar fechasse em alta nos mercados europeus. Em Londres a moeda reagiu depois do anúncio dos dados sobre a economia norte-americana, chegando a ser cotada a 1,7840 marcos alemães, embora depois entrasse em ligeira queda fechando a 1,7795. Sua cotação em face do iene melhorou registrando 140,65 ienes no fechamento.

Os analistas disseram que as estatísticas no primeiro trimestre e os dados de abril relativos a compras de bens duráveis induzem a calcular que a economia cresce com solidez capaz de evitar que a eventual majoração das taxas de juros cause uma recessão.